

“Presença viva de Cristo” O exercício do ministério da presidenciana oração eucarística*

CELAM

CONSEJO EPISCOPAL
LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO

André Márcio Nogueira de Souza**

Resumo

Este trabalho parte do conceito de participação litúrgica, à luz do Concílio Vaticano II, oferecido à Igreja como fonte de uma genuína espiritualidade cristã. Com o objetivo de colocar em questão o exercício do ministério presbiteral, em um foco especial na presidência da Oração Eucarística, aborda-se a relação entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio real-batismal de todos os fiéis. Em resposta à questão do sujeito da celebração litúrgica na Igreja e reconhecendo que tal se dá no exercício do sacerdócio de Jesus Cristo, em seu Corpo celebrante (cabeça e membros), chega-se à compreensão da necessidade de um renovado processo de formação litúrgica dos atuais e futuros presbíteros, em vista de uma também renovada *arte de presidir*. A pesquisa percorre ainda algumas fontes bíblico-patristico-litúrgicas da Oração Eucarística, sua estrutura fundamental e sentido teológico-litúrgico, e procura articular a importância da compreensão unitária de toda a Celebração Eucarística em torno de suas, assim chamadas, “duas mesas”. Conclui-se, constatando a necessidade de uma mais qualificada configuração do ministro presidente à “presença viva de Cristo”, com maior inteireza, especialmente durante os vários elementos da Oração Eucarística, e que favoreça assim a ligação entre as duas grandes partes da missa, “num só ato de culto”.

Palavras-chave: Participação litúrgica. Espiritualidade cristã. Presidência. Oração Eucarística.

* Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Liturgia, no Curso de Pós-graduação lato sensu, do Centro Universitário Salesiano – Unidade São Paulo, Campus Pio XI, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Wardison Canabrava da Silva.

** Sacerdote brasileiro da Diocese de Coxim – MS. Doutorando em Filosofia pela Universidade Pontifícia de Salamanca – Espanha; Mestre em Filosofia pela Pontifícia



The Exercise of the Ministry of the Presidency in the Eucharistic Prayer

Summary

This article starts with the concept of liturgical participation, which the Second Vatican Council offered to the Church as the source of a genuine Christian spirituality. In order to address attention to the exercise of the priestly ministry, a special focus on the presidency of the Eucharistic Prayer, the relationship between the ministerial priesthood and the royal-baptismal priesthood of all the faithful is addressed. In response to the question of the subject of the liturgical celebration in the Church and recognizing that this occurs in the exercise of the priesthood of Jesus Christ, in his celebrating Body (head and members), one comes to understand the need for a renewed process of liturgical formation of current and future priests, in view of an equally renewed *art of presiding*. The research also covers some biblical-patristic-liturgical sources of the Eucharistic Prayer, its fundamental structure and theological-liturgical meaning, and seeks to articulate the importance of the singular understanding of the entire Eucharistic Celebration around its so-called "two tables". It concludes by noting the need for a more qualified configuration of the presiding minister to the "living presence of Christ", with greater inclusiveness, especially during the various elements of the Eucharistic Prayer, and thus favoring the connection between the two great parts of the Mass, "in a single act of worship".

Keywords: Liturgical participation. Christian spirituality. Presidency. Eucharistic Prayer.



CELAM CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO

INTRODUÇÃO

A Liturgia deve perpassar todos os campos de estudo na atual configuração da teologia, visto que “uma abordagem litúrgico-sapiencial da formação teológica [...] também teria, certamente, efeitos positivos na ação pastoral”¹. É a partir dessa indicação feita pelo Papa Francisco que se propõe a presente pesquisa, em torno à questão do exercício da presidência eucarística.

Passados mais de sessenta anos da obra restauradora e reformadora do Concílio Vaticano II, o qual constitui-se para a Igreja como “uma bússola segura”², de alguma forma se percebe que toda a sua riqueza ainda hoje, especialmente no campo da Sagrada Liturgia, pode e deve ser objeto de aprofundamentos e novas compreensões. É o que se pretende oferecer aqui, tratando-se especificamente do ministério presbiteral, na arte de presidir a assembleia dos fiéis, proclamando as maravilhas de Deus, em ação de graças e súplica, na Oração Eucarística.

Infelizmente, ainda hoje notam-se muitas lacunas, seja no campo da formação presbiteral, seja na formação litúrgica de todos os fiéis em geral, especialmente no que diz respeito à compreensão

¹ Francisco, Papa. *Carta Apostólica Desiderio desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2022, n. 37.

² João Paulo II, Papa. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*: no termo do Grande Jubileu do Ano 2000. Cidade do Vaticano, 6 jan. 2001. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html>. Acesso em: 08 jul. 2024, n. 57.



e à melhor qualificação para a vivência ritual da Oração Eucarística, “centro e ápice de toda a celebração, prece de ação de graças e santificação”³. Tais lacunas se evidenciam principalmente pelo insuficiente entendimento que se tem a respeito da Liturgia, enquanto exercício do sacerdócio de Jesus Cristo e sua atualização, sempre presente no hoje da história⁴ e na própria percepção da vocação ao sacerdócio ministerial e de sua relação com o sacerdócio real batismal⁵.

Nesta pesquisa, pretende-se discorrer sobre alguns aspectos que possam contribuir a uma melhor compreensão e exercício do ministério presbiteral, na presidência da Oração Eucarística e em sua relação direta com a participação plena de toda a assembleia celebrante. Para isso serão dados três passos, que conduzirão a reflexão.

No *primeiro passo*, ao partir da compreensão conciliar do conceito de “presença de Cristo na Liturgia”, ofereceremos um olhar sobre a relação entre o exercício do ministério presbiteral, na presidência eucarística, e a vocação batismal de todos os demais membros da assembleia litúrgica, procurando responder à pergunta: “quem celebra?”. Terminaremos, ao colocar em questão a formação presbiteral, a arte de presidir e sua relação direta com a própria vida litúrgica e a experiência ritual.

No *segundo passo*, conheceremos melhor a própria Oração Eucarística, em algumas de suas fontes bíblico-patristico-litúrgicas e suas principais características teológicas, em torno

³ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*. Brasília: Edições CNBB, 2023 n. 78.

⁴ Cf. Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*: sobre a Sagrada Liturgia. Roma, 4 dez. 1963. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 08 jul. 2024, n. 7.

⁵ Cf. Concílio Vaticano II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*: sobre a Igreja. Roma, 21 nov. 1964. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 08 jul. 2024, n. 10.

a seus elementos estruturais. Por fim, proporemos a relação entre as, assim chamadas, “duas mesas” e a necessidade de uma compreensão unitária de toda a Celebração da Eucaristia, para um mais adequado e qualificado serviço ministerial.

No *terceiro passo*, retornaremos ao conceito de “presença de Cristo” e o relacionaremos com o ministério da presidência eucarística. Repassando em chave propositiva cada elemento da própria Oração Eucarística, apontaremos indicações práticas em âmbito ritual e espiritual para um melhor e mais qualificado exercício de sua presidência. Ao final, retomaremos a temática da unidade de toda a celebração para oferecer alguns pontos importantes na perspectiva do serviço ministerial da presidência.

Na sincera consciência dos limites de um percurso como este, à guisa de conclusão, apresentaremos algumas questões abertas a serem levantadas e apontaremos possíveis ulteriores aprofundamentos.

1. ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA “ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS”

A vida cristã, que consiste na imersão em Cristo, deve ter como base uma autêntica espiritualidade, cuja fonte é a liturgia e o seu exercício. Essa concepção é fruto de um longo processo de amadurecimento vivido pela Igreja nos últimos tempos, até a seguinte compreensão:

A espiritualidade litúrgica é o exercício (tanto quanto possível) perfeito da vida cristã com que o homem, regenerado no batismo, cheio do Espírito Santo recebido na confirmação, participando da celebração da eucaristia, assinala toda a sua vida, mediante esses três sacramentos, com o objetivo de crescer, dentro do quadro das celebrações que ocorrem durante o ano litúrgico, por meio de uma oração contínua —concretamente a oração ou liturgia das horas— e das atividades da vida cotidiana, na santificação mediante



a conformação com Cristo crucificado e ressuscitado, na esperança da última e suprema realização escatológica, em louvor da glória de Deus⁶.

Assim, chega-se à noção de que, embora não esgote toda a vida da Igreja⁷, “a Liturgia é como que o cimo para o qual se dirige toda [a sua] ação [...] e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força”⁸. E, por isso, que a liturgia “é a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis podem aurir o espírito genuinamente cristão”⁹.

1.1. A presença de Cristo na Liturgia

Diante do que foi dito acima, é importante ressaltar que nada disso teria seu devido fundamento sem o que o Concílio chama de “presença de Cristo na Liturgia”. A obra da salvação, realizada por Cristo e continuada pela ação apostólica de sua Igreja, se efetiva na vida litúrgica, na realização dos sacramentos, na celebração contínua do mistério pascal¹⁰.

Por isso, para orientar o incremento da sagrada liturgia, o Concílio, ao falar sobre a presença de Cristo, mormente na celebração da Eucaristia, diz:

Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que se oferece pelo ministério sacerdotal é o “mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz”, como sobretudo nas espécies eucarísticas. Ele está presente pela sua virtude nos sacramentos, de tal modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo quem batiza. Está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na

⁶ Sartore, Domenico; Triacca, M. Achille. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 371.

⁷ Cf. Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 9.

⁸ *Ibid.*, n. 10.

⁹ *Ibid.*, nn. 14, 41.

¹⁰ Cf. Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 6.

Igreja se leem as Sagradas Escrituras. Está presente, por fim, quando a Igreja ora e salmodia, ele que prometeu: “onde se acharem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”. (Mt 18,20)¹¹

Assim, a espiritualidade litúrgica leva em consideração o que a teologia do mistério pascal aplica: o conceito de *presença de Cristo* nas ações litúrgicas. Esta presença não se limita mais a circunscrever-se às espécies eucarísticas. Ela se abre a outros aspectos muito importantes¹², como sublinhado pelo próprio Concílio:

Na *celebração da eucaristia*, na pessoa do ministro e sobretudo nas espécies eucarísticas: presença no exercício ministerial e nos sinais sacramentais; pela força dos *sacramentos*: presença na variedade das ações litúrgicas e na sua riqueza simbólico-ritual; pela *Palavra*: presença que se anuncia e atualiza-se no hoje da história de forma eficaz; quando a Igreja *ora e salmodia*: presença sacramental na assembleia litúrgica e no caráter essencialmente comunitário de toda e qualquer celebração litúrgica.

A perfeita glorificação de Deus e a santificação do ser humano acontecem na vida litúrgica da Igreja, como presença de Cristo, por meio dos sinais sensíveis: ela é, assim, o exercício do sacerdócio de Cristo, em seu Corpo Místico, que é a própria Igreja, cabeça e membros¹³. Trata-se, todavia, de uma presença dinâmica, a qual se dá por obra e ação do Espírito Santo, que atualiza a presença do Ressuscitado e nos introduz no mistério de Deus. Assim, a liturgia como fonte de uma “genuína espiritualidade cristã”, nos leva, no dizer do Apóstolo, “a trazer sempre no nosso corpo os sofrimentos da morte de Jesus, para que a sua vida se revele na nossa carne mortal”¹⁴.

¹¹ Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 7.

¹² Cf. Buyst, Ione; Silva, José Ariovaldo. *O Mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas, Valencia: Siquem Ediciones, 2002, p. 88.

¹³ Cf. Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 7.

¹⁴ Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 12; Cf. 2Cor 4,10-11.



1.2. O ministério presbiteral a serviço da comunidade celebrante

Antes de tratar propriamente do ministério presbiteral e do exercício da presidência eucarística, faz-se necessário responder à questão: “quem celebra?”. Esta pergunta se faz importante porque, em grande parte dos casos, a resposta quase que automática pode ser: “o padre celebra a missa!”. Visto que em nosso primeiro item procuramos responder, ainda que de modo bastante limitado, à questão do “quê” se celebra e de “como” isso pode alimentar a vida cristã de modo autêntico, agora iremos nos debruçar sobre o que se pode chamar de *sujeito da ação litúrgica*.

É verdade que o primordial sujeito da ação litúrgica é o próprio Deus, visto que a liturgia é sua obra de salvação, na qual ele “trabalha [como] agente invisível”¹⁵. Mas isso nunca acontece de modo unilateral. Por isso, mais uma vez com o Concílio, é preciso dizer que “as ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é ‘sacramento de unidade’, povo santo reunido e ordenado sob a direção dos bispos”¹⁶. Portanto:

Quem celebra é todo o povo santo de Deus reunido em assembleia; é toda a comunidade unida ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Os presbíteros não celebram “para” o povo, mas juntamente com ele, fazendo parte dele e estando a seu serviço¹⁷.

Nesse sentido, é preciso compreender que o Concílio Vaticano II nos ofereceu um novo olhar da Igreja sobre si mesma, mais conforme àquilo que a tradição antiga já havia definido e que, por várias razões, se perdera ou estava, por assim dizer, um pouco esquecido, a saber: que a Igreja é mistério (sacramento) e povo de Deus, conforme descrito no primeiro e no segundo capítulos da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja.

¹⁵ Buyst, Ione; Silva, José Ariovaldo. *O Mistério celebrado*: memória e compromisso I, p. 93.

¹⁶ Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 26.

¹⁷ Buyst, Ione; SILVA, José Ariovaldo. *O Mistério celebrado*: memória e compromisso I, p. 93.

Em se tratando propriamente deste segundo aspecto, o Povo de Deus, o Concílio nos traz, de fato, um aprofundamento a respeito da compreensão do sacerdócio, e começa a partir do que na própria Escritura é chamado de sacerdócio de Cristo, do qual deriva a condição sacerdotal de todo o povo batizado e, neste povo, o discernimento da vocação ao sacerdócio ministerial. Assim expressou-se o próprio Concílio:

Na verdade, os batizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cf. 1Pd2,4-10). Por isso, todos os discípulos de Cristo, perseverando na oração e louvando a Deus (cfr. At 2,42-47), ofereçam-se a si mesmos como hóstias vivas, santas, agradáveis a Deus (cfr. Rm 12,1), deem testemunho de Cristo em toda a parte e àqueles que lhes pedirem deem razão da esperança da vida eterna que neles habita (cfr. 1Pd 3,15)¹⁸.

E, explicando a relação intrínseca entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial, assim esclarece:

O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciem essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um ao outro; pois um e outro participam, a seu modo, do único sacerdócio de Cristo¹⁹.

Desse modo, a Igreja ressalta a presença dinâmica e viva daquele que é o sujeito primordial de toda ação litúrgica, Cristo, e, ao mesmo tempo, nos ajuda a compreender melhor a vocação sacerdotal de todo o povo cristão, e a função propriamente específica do sacerdócio hierárquico em seu seio.

¹⁸ Concílio Vaticano II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, n. 10.

¹⁹ *Ibid.*



É aí que entra a nossa abordagem a respeito do ministério presbiteral. Pois, ainda com o Concílio, aprendemos que tal ministério, “unido à Ordem episcopal, participa da autoridade com que Cristo edifica, santifica e governa o seu corpo”²⁰, sempre tendo como base a condição sacerdotal da qual participam todos os fiéis iniciados à vida cristã.

Em se tratando da vida litúrgica e de sua importância para nutrir uma espiritualidade genuinamente cristã, compreendendo também que isso se dá no exercício do sacerdócio de Cristo, nas ações litúrgicas do povo de Deus, por meio de seus ministros, podemos então conceber, mais uma vez com o Concílio, a importância de uma justa compreensão da identidade do sacerdócio ministerial, exercido pelos presbíteros, pois:

O Povo de Deus é convocado e reunido pela virtude da mensagem apostólica, de tal modo que todos quantos pertencem a este Povo, uma vez santificados no Espírito Santo, se ofereçam como “hóstia viva, santa e agradável a Deus” (Rm 12,1). Mas é pelo ministério dos presbíteros que o sacrifício espiritual dos fiéis se consuma em união com o sacrifício de Cristo, mediador único, que é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental pelas mãos deles, em nome de toda a Igreja, até quando o mesmo Senhor vier (1Cor 11,26). Para isto tende e nisto se consuma o ministério dos presbíteros²¹.

Assim, já não é mais possível afirmar de modo exclusivo que “é o padre que celebra a missa”, pois trata-se, na verdade, de redescobrir, com a Igreja, que o exercício do ministério presbiteral está a serviço d’Aquele que celebra, realmente presente e assume em seu Corpo todo o corpo celebrante, corpo eclesial. De modo concreto, então, os presbíteros encontram o sentido de seu sacerdócio específico

²⁰ Concílio Vaticano II. *Decreto Presbyterorum Ordinis*: sobre o ministério e a vida dos sacerdotes. Cidade do Vaticano, 07 dez. 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html>. Acesso em: 08 jul. 2024, n. 2.

²¹ Concílio Vaticano II. *Decreto Presbyterorum Ordinis*, n. 2.

no serviço prestado à vida celebrativa de todo o povo sacerdotal, comunidade celebrante.

1.3. A formação e o exercício da presidência eucarística

Os presbíteros, como colaboradores da ordem episcopal, têm como missão essencial a presidência das comunidades a eles confiadas, o que naturalmente significa a presidência eucarística. Pois “em todos os sacramentos [...] os presbíteros unem-se hierarquicamente de diversos modos com o Bispo, e assim o tornam de algum modo presente em todas as assembleias dos fiéis”²². É dessa razão, afirmada pelo Concílio, que chegamos à necessidade de refletir sobre a formação presbiteral, em vista do exercício da presidência eucarística. Tudo isso, porém, tendo como pano de fundo o que também o Concílio afirmara como uma genuína espiritualidade cristã, alimentada na própria participação litúrgica²³.

A *arte de presidir* pressupõe a experiência da fé e, ao mesmo tempo, manifesta esta mesma fé, bem como sua fonte, que é, como já dito, a própria liturgia. Assim, exige-se daqueles que se preparam para o ministério pastoral uma dedicada formação voltada para que a vida litúrgica das comunidades por eles guiadas seja manifestação autêntica do mistério celebrado e, também, conduza todos à experiência de fé da Igreja mesma, expressando a obra do Cristo e do seu Espírito de amor²⁴.

Uma formação eficaz, tendo em vista a *arte de presidir*, só alcança seu objetivo quando aquele candidato que se prepara para o ministério presbiteral —também o presbítero ao longo do exercício deste ministério— se faz discípulo na escola da própria

²² *Ibid.*, n. 5.

²³ Cf. Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 14.

²⁴ Cf. João Paulo II. *Carta Apostólica Vicesimus Quintus Annus*: no 25º aniversário da Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium. Cidade do Vaticano, 4 dez. 1988. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19881204_vicesimus-quintus-annus.html>. Acesso em: 15 mar 2024, n. 15.



liturgia. Trata-se, aqui, de uma compreensão que vai além do mero estudo das rubricas e da simples aplicação mecânica de normas escritas nos livros litúrgicos, mas sim, de uma experiência que proporcione o sentido do *mistério*. Este mistério é depositado nas mãos de quem é chamado a presidir o povo de Deus, capacitando-o a ser mestre de seu povo, conduzindo este mesmo povo à fonte, que é a própria liturgia²⁵.

Daí a importância da formação dos candidatos ao presbiterado, pois o desejo ardente da Igreja, afirmado pelo Concílio, de que o povo de Deus chegue “àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas”²⁶ não teria nenhuma esperança de se realizar se não houvesse um empenho primordial daqueles que se preparam para o ministério pastoral, para se tornarem mestres da própria Liturgia. Estabeleceu, porém, o Concílio que tal empenho se dê por força do espírito da própria Liturgia e em virtude dela mesma²⁷.

Dessa maneira, a formação litúrgica, em vista da presidência, não se preocupa somente com uma preparação teórica ou técnica; pois “a primeira e fundamental escola de liturgia é a própria liturgia”²⁸. Embora a celebração litúrgica não esgote por si mesma todos os aspectos necessários para uma adequada formação dos candidatos ao ministério pastoral (por exemplo, a história e a teologia litúrgicas, e uma formação permanente pessoal e comunitária), será sempre a partir dela e do *Mistério* que nela se celebra que o ministério dos presbíteros poderá ter seu centro e raiz. E isso talvez seja uma das maiores deficiências na Igreja Latina, atualmente, no campo da liturgia: o hiato entre ministério e liturgia²⁹.

²⁵ Cf. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Liturgia, fonte e ápice da vida da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 20.

²⁶ Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 14.

²⁷ Cf. Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 14.

²⁸ Boselli, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014 (Coleção Vida e Liturgia da Igreja), p. 117.

²⁹ Cf. Boselli, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014 (Coleção Vida e Liturgia da Igreja), pp. 117-118.

Tudo o que dissemos até aqui tem em vista o que, desde o Concílio, se tornou cada vez mais claro, embora não isento de muitas incompreensões e até retrocessos: o *caráter presidencial* do exercício do sacerdócio ministerial. Isso já é reconhecível em suas primeiras palavras, quando o Concílio insiste no valor e no modo adequado e direto da participação dos fiéis na Eucaristia, ao afirmar:

[...] que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, ativa e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; deem graças a Deus; *aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, e não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada*; que, dia após dia, por Cristo mediador, progridam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos³⁰.

Quando trata do mistério da Igreja, o Concílio ressalta a relação intrínseca entre o sacerdócio real e o sacerdócio ministerial, destacando sua participação no único sacerdócio de Cristo, como já lembrado³¹. E especifica tal relação nessas palavras:

Com efeito, o sacerdote ministerial, pelo seu poder sagrado, forma e conduz o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico fazendo as vezes de Cristo e oferece-o a Deus *em nome de todo o povo*; os fiéis, por sua parte, *concorrem para a oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real*, que eles exercem na recepção dos sacramentos, na oração e ação de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade operosa³².

³⁰ Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 48, grifo nosso.

³¹ *Op. cit.*, p. 14.

³² Concílio Vaticano II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, n. 10, grifo nosso.



Todavia, será mais adiante que o termo presidência aparecerá de modo explícito, para não restar dúvida que esta categoria será fundamental para entendermos o espírito que o Concílio quis imprimir à vida e ao ministério dos presbíteros, de modo todo especial na celebração dos Sacramentos, mormente da Eucaristia, afirmando que “o banquete eucarístico é o centro da assembleia dos fiéis *a que o presbítero preside*. Por isso, os presbíteros ensinam os fiéis a oferecer a Deus Pai a vítima divina no sacrifício da missa, e a fazer, com ela, a oblação da vida”³³.

Firmamos, assim, alguns elementos fundamentais que nos ajudarão em outros passos nesta pesquisa, tendo em vista uma nova atitude ministerial, fruto de um enriquecimento proporcionado pela própria liturgia. O que neste passo dado chamamos simplesmente de “espiritualidade litúrgica” certamente não deu conta de abranger toda diversidade e beleza de tão importante dimensão da vida da Igreja. Mas, ao menos nos facilitou algumas premissas para perceber que não é apenas por meio de um conjunto de regras a serem seguidas ou ainda de alguns sussurros ao pé do ouvido, feitos por “impecáveis” mestres de cerimônias, que se formam ministros servidores de um povo celebrante.

186

medellín 188 / Enero - junio (2024)

2. A ORAÇÃO EUCARÍSTICA. “DEMOS GRAÇAS AO SENHOR, NOSSO DEUS”

Em nossos dias, infelizmente, pouca gente entende que o significado mais direto da palavra “eucaristia” quer dizer “ação de graças”. Na celebração da missa, muitos pensam que o momento de “dar graças” deve ser feito após a comunhão. Acabam por não perceber que a própria missa é ação ritual do que Jesus fez e mandou fazer na Última Ceia, a saber: *tomou o pão, deu graças, partiu e deu aos seus discípulos...* No centro de tudo está o gesto de agradecer: dele dependem a fração do pão e a própria comunhão, e é em sua função que se preparam as oferendas. E, para não restar dúvidas disso, o diálogo ritual, que abre a Oração Eucarística, deixa

³³ *Id. Decreto Presbyterorum Ordinis*, n. 5, grifo nosso.

bem claro qual é o momento de “dar graças” na missa, pois nele se responde ao convite: “*Demos graças ao Senhor, nosso Deus*”³⁴.

Neste segundo passo de nosso percurso, tendo em vista o que se pretende tratar mais adiante, quanto ao exercício do sacerdócio ministerial na presidência eucarística, propõem-se um olhar delimitado e, certamente, não exaustivo sobre a Oração Eucarística, “centro e ápice de toda a celebração, prece de ação de graças e santificação”³⁵.

A afirmação acima, retirada da *Instrução Geral do Missal Romano*, segue dizendo que “o sentido dessa oração é que toda a assembleia se una com Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício”³⁶. Por isso, é muito importante o realce dado à comunhão com Cristo, no gesto de dar graças e no oferecimento do sacrifício. Porém, faz-se ainda necessário um olhar mais profundo sobre a maneira como tais gestos acontecem e, sobretudo, quais são as suas razões, o seu porquê³⁷.

Dessa maneira, poderemos entender melhor os elementos que compõem a própria oração eucarística, sua estrutura interna, para só então abordar o que se pode sugerir como propostas de uma espiritualidade renovada, a partir da mesma riqueza simbólico-ritual presente no que a Tradição nos legou e que a Igreja nos propõe nos atuais livros litúrgicos.

2.1. Fontes bíblico-patristico-litúrgicas

Tomando como primeira referência a *texto bíblico*, a Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (1Cor 11,17-34) nos ajuda a ter uma ideia de como se configurou a compreensão fundante a

³⁴ Cf. Buyst, Ione; Francisco, Manuel João. *O mistério celebrado: memória e compromisso II*. São Paulo: Paulinas, Valencia: Siquem Ediciones, 2004, p. 37.

³⁵ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 78.

³⁶ *Ibid.*

³⁷ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística: uma “obra” reaberta pelo Concílio*. Brasília: Edições CNBB, 2022 (Coleção Vida e Liturgia da Igreja), p. 29.



respeito da Ceia do Senhor, no interior da comunidade cristã, então marcada pela divisão e pela desigualdade entre ricos e pobres³⁸.

Assim se expressa Paulo: “de fato, o que eu recebi do Senhor, é o que também vos transmiti: na noite em que ia ser entregue o Senhor Jesus tomou pão...” (1Cor 11,23). Deste escrito, entende-se que uma genuína compreensão do significado da Eucaristia está situada em uma certa “volta” às suas origens, em sua Instituição. Só então é possível um olhar sobre a realidade eclesial e sobre as consequências concretas que a celebração comporta. E é assim que termina o Apóstolo: “De fato, todas as vezes que comerdes desse pão e beberdes desse cálice, proclamais a morte do Senhor, até que ele venha” (1Cor 11-26)³⁹.

Conforme o relato neotestamentário, em seus primórdios, a Eucaristia e, em seu núcleo, a Oração Eucarística comportam uma intrínseca identidade eclesial. É o que fica evidente na séria advertência de Paulo a respeito da atitude dos que comiam a “própria ceia” sem distinguir o “Corpo eclesial” do Senhor. Assim, Paulo parte dos desafios da vida comunitária, narra a Instituição na Última Ceia e retorna à vida para apresentar respostas aos seus problemas. Desse modo: “A Última Ceia é [...] o modelo ao qual se deve retornar para verificar o sentido e a autenticidade da Celebração Eucarística pela Igreja [...] [e] para compreender o valor teológico e litúrgico da Oração Eucarística”⁴⁰.

Dos *Padres da Igreja*, recebemos alguns relatos importantes, como por exemplo a tradição de Justino, mártir (150 d.C.), na qual está em relevo a longa oração de ação de graças, gesto fundamental que se faz sobre o pão e vinho⁴¹. Gesto esse que faz os dons oferecidos

³⁸ Baseamo-nos, de agora em diante, na valiosa reflexão proposta por Matteo Ferrari, em *A Oração Eucarística*.

³⁹ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 32.

⁴⁰ *Ibid.*, pp. 34-35.

⁴¹ “Depois àquele que preside aos irmãos é oferecido pão e uma vasilha com água e vinho; pegando-os ele louva e glorifica ao Pai do universo, através do nome de seu Filho e do Espírito Santo, e pronuncia uma longa [oração de] ação de graças (em grego ‘*eucharistia*’), por ter-nos concedido esses dons que dele provêm” (*Primeira Apologia* 65,3). Apud. Ferrari, Matteo, *A Oração Eucarística*, p. 34.

se chamarem “eucaristizados”. Ademais, a ação de graças consiste, também, como no texto paulino acima, em algo recebido do Senhor, de seu “testamento”, conforme a ação de graças que o Senhor Jesus cumpriu na Última Ceia sobre o pão e o vinho⁴².

Recorrendo ao próprio *texto litúrgico*, podemos conferir diretamente como se dá esse gesto de agradecimento. As Orações Eucarísticas da tradição latina⁴³ oferecem, como memorial (*anamnese*), um elemento fundamental para a compreensão do significado da própria Oração Eucarística, como que a dizer:

Nós fazemos isso porque o Senhor Jesus cumpriu esses gestos e pronunciou essas palavras na Ceia com os seus discípulos, mandando que elas fossem repetidas em sua memória. [Assim], a Ceia do Senhor é o fundamento teológico e ritual da verdade daquilo que a Igreja cumpre⁴⁴.

Mesmo que de modo bastante limitado, o exposto até aqui nos ajuda a compreender as fontes e o sentido teológico-litúrgico deste gesto fundamental na vida da Igreja, a Oração Eucarística, a ação de graças.

2.2. Estrutura da Oração Eucarística

Seguindo as indicações presentes na *Instrução Geral do Missal Romano*⁴⁵, encontramos os seguintes elementos que compõem a Oração Eucarística, para os quais se acrescentam breves explicações de seu significado teológico-litúrgico:

⁴² Cf. Mazza, Enrico. *La celebrazione eucaristica: genesi del rito e sviluppo dell'interpretazione*, pp. 125-133. Apud: Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, pp. 35-36.

⁴³ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 38. Neste ponto, o autor faz alusão à tradução italiana (mas também portuguesa, no caso do Brasil) um tanto inexata do original latino, do trecho do *Cânon Romano* quem vem logo após a narrativa da Última Ceia (instituição). Segundo o autor, a melhor forma seria: “Por isso, também nós, Senhor, *somos recordados* (...)”, fazendo referência direta à narrativa da instituição, da qual depende todo o sentido da Eucaristia e da própria Oração Eucarística.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 39.

⁴⁵ Cf. Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 79.



Ação de Graças / Prefácio: “o sacerdote, em nome de todo o povo santo, glorifica a Deus Pai e lhe rende graças por toda a obra da salvação ou por um dos seus aspectos, de acordo com o dia, a festa ou o tempo”⁴⁶. Aqui, se manifesta seu caráter eminentemente presidencial, feito não de modo isolado, mas como membro da assembleia eclesial. Manifesta-se, também, o conteúdo da ação de graças: a “obra da salvação”, em seu caráter narrativo (criação, presença na história, principalmente no Mistério Pascal de Cristo) e consecratório. Tudo em estreita ligação com a Palavra, que manifesta o mistério celebrado naquela Festa ou Tempo litúrgico⁴⁷.

Aclamação do Santo: “pela qual toda a assembleia, unindo-se aos coros celestes, canta o *Santo*. Esta aclamação, que é parte da própria Oração Eucarística, é proferida por todo o povo, com o sacerdote”⁴⁸. A Oração Eucarística – da qual a aclamação do *Santo* é parte integrante e deve ser cumprida por todos – põe em comunhão recíproca a Liturgia terrestre e a Liturgia celeste⁴⁹.

Epiclese:

Na qual a Igreja implora, por meio de invocações especiais, a força do Espírito Santo para que os dons oferecidos pelo seres humanos sejam consagrados, isto é, se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo, e a hóstia imaculada se torne salvação daqueles que vão recebê-la em Comunhão⁵⁰.

De modo unitário, a *Instrução* aponta a dupla súplica pela vinda do Espírito Santo. Assim, “a transformação dos dons no Corpo e Sangue do Senhor é invocada pela ‘transformação’ em

⁴⁶ Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 79a.

⁴⁷ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 61.

⁴⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 79b.

⁴⁹ Cf. FERRARI, Matteo. *A Oração Eucarística*, pp. 64-65.

⁵⁰ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 79c.

unidade, em um só corpo, daqueles que dela (da transformação) participarão”⁵¹.

Narrativa da instituição / consagração:

Quando pelas palavras e ações de Cristo se realiza o sacrifício que ele instituiu na Última Ceia, ao oferecer o seu Corpo e Sangue sob as espécies de pão e vinho, e ao entregá-los aos apóstolos como comida e bebida, dando-lhes a ordem de perpetuar este mistério⁵².

Recorda-se ao Pai, em ação de graças, a forma ou o modelo pelo qual a Igreja recebeu a Celebração da Eucaristia do próprio Cristo, sua instituição e, ao mesmo tempo, seu conteúdo, que dá à celebração seu caráter genuíno, autêntico, consecratório⁵³.

Anamnese e Oblação:

Cumprindo a ordem recebida do Cristo, Senhor, através dos Apóstolos, a Igreja faz memória do próprio Cristo, lembrando principalmente a sua bem-aventurada paixão, a gloriosa ressurreição e ascensão aos céus”⁵⁴.

Em forma aclamativa, proclama-se a própria identidade da Oração Eucarística, fundada na Ceia do Senhor, em seu testamento⁵⁵.

A Igreja, em particular a assembleia atualmente reunida, realizando esta memória, oferece ao Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada; ela deseja, porém, que os fiéis não apenas ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer-se a si próprios, e se aperfeiçoem, cada vez mais, pela mediação

⁵¹ Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 69.

⁵² Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 79d.

⁵³ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 77.

⁵⁴ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 79e.

⁵⁵ Cf. FERRARI, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 79.



de Cristo, na união com Deus e com próximo, para que finalmente Deus seja tudo em todos⁵⁶.

A ação de graças se converte em súplica, em dois sentidos: a “vítima imaculada”, que é Cristo; e os fiéis, a assembleia celebrante. A oferta de si mesmo, realizada por Cristo na cruz, é a base sobre a qual cada fiel oferece a si mesmo, a Deus e aos irmãos e irmãs⁵⁷.

Intercessões:

Se exprime que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto celeste, como terrestre, que a oblação é feita por ela e por todos os seus membros vivos e defuntos, que foram chamados a participar da redenção e da salvação obtidas pelo Corpo e Sangue de Cristo⁵⁸.

Manifesta-se, assim, o caráter solidário da salvação que une em si todos os que participam da Eucaristia, a dimensão universal da Igreja e a humanidade inteira; e seu fruto, explicitado e invocado: a comunhão e a unidade⁵⁹.

Doxologia final: “que exprime a glorificação de Deus, e é confirmada e concluída pela aclamação *Amém* do povo”⁶⁰. A ação de graças culmina “no modelo de toda a oração cristã, dirigida ao Pai, por-com-em Cristo, no Espírito Santo”⁶¹ e sua ratificação conclusiva, dada pela participação efetiva de toda a assembleia no *Amém*.

Tendo percorrido os elementos básicos da estrutura da Oração Eucarística, é importante frisar sua unidade interna, e sua

⁵⁶ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 79f.

⁵⁷ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 80.

⁵⁸ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 79g.

⁵⁹ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 81-82.

⁶⁰ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 79h.

⁶¹ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 84.

“vocação” de ação de graças. Embora muitos elementos possam ter estilos diferentes (súplicas, invocações, narrativa, consagração, intercessão e glorificação), o espírito que perpassa toda a Oração deve ser sempre aquele que Cristo institui, por seu próprio gesto na Última Ceia, ou seja, dar graças sobre o pão e o vinho, assim “eucaristizados”.

2.3. “Duas mesas” – “Um só ato de culto”

Para encerrar este nosso segundo passo, cabe ainda um assunto importante: a necessária unidade de toda a Celebração Eucarística, apontada pelo Concílio Vaticano II⁶². Nesse sentido, a *Instrução Geral do Missal Romano* diz:

A missa consta, por assim dizer, de duas partes, a saber: a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística, tão intimamente ligadas entre si, que constituem *um só ato de culto*. De fato, na Missa se prepara tanto a mesa da palavra de Deus como a do Corpo de Cristo, para ensinar e alimentar os fiéis⁶³.

Isso significa que, embora a celebração seja composta dessas duas grandes partes, “não se trata de dois momentos estanques, desligados um do outro”⁶⁴. Entre eles há uma relação estreita e necessária. São dois passos que, cada uma a seu modo, nos conduzem na mesma e única celebração. A própria *Instrução* trata disso, quando indica o caráter de cada parte (a Liturgia da Palavra, de *ensinar*, e a Liturgia Eucarística, de *alimentar*) e quando afirma que unidas formam “um só ato de culto”.

A ligação entre as, assim chamadas, “duas mesas” é um grande desafio, pois dela depende toda a unidade da Celebração, seu caráter memorial, de ação de graças, consecratório e de comunhão.

⁶² Cf. Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 56.

⁶³ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 28, grifo nosso.

⁶⁴ Buyst, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*. São Paulo: Paulinas, 2011 (Coleção Celebrar), p. 59.



E o ministério da presidência tem sobre esse desafio uma responsabilidade direta, pois dele dependem, em grande medida, a condução e a orientação de todo o ritmo da celebração, para que a ligação entre as “duas mesas” possa constituir essa unidade. É o que, mais adiante, chamaremos de “ganchos” que ligam uma ação ritual a outra⁶⁵.

É importante notar que, apesar de a *Instrução* considerar a Liturgia da Palavra sob o aspecto de “ensino”, esta não se constitui apenas como “uma parte didática” da missa. “A Palavra na Liturgia, mais que um instrumento de catequese e de formação, é um evento no qual se deve entrar”⁶⁶. O próprio Concílio o afirma, quando trata do valor da Sagrada Escritura na vida da Igreja:

A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, *sobretudo na sagrada Liturgia*, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo.[...] Com efeito, nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de Seus filhos, a conversar com eles; e é tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que se torna o apoio vigoroso da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual⁶⁷.

Disso resulta que, mesmo tratando da “mesa do Corpo de Cristo” em seu caráter de alimento, também a “mesa da Palavra de Deus”, a seu modo, alimenta os fiéis e constitui-se como elemento essencial para atualizar a presença de Cristo entre eles, já que ele “está presente na sua Palavra, [e] é ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura”⁶⁸.

⁶⁵ Cf. Buyst, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*.

⁶⁶ Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 19.

⁶⁷ Concílio Vaticano II. *Constituição Dogmática Dei Verbum: sobre a Revelação Divina*. Roma, 18 nov. 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 08 dez. 2024, n. 21, grifo nosso.

⁶⁸ *Id. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 7.

Além de se perceber e até se recuperar o valor do anúncio da Palavra na vida litúrgica da Igreja e, principalmente, o lugar da Liturgia da Palavra como parte constitutiva de toda a Eucaristia, ainda há uma grande necessidade de aprofundarmos e valorizarmos o sentido ritual, teológico e espiritual da Liturgia Eucarística. E isso é o que temos buscado nesta pesquisa: oferecer algumas bases, ainda que limitadas, da inesgotável riqueza das fontes e sentidos de cada elemento da “grande oração de ação de graças”, a fim de que seja vivida e exercitada em nossas celebrações de modo mais autêntico, como no dizer de Ione Buyst, como “um brinde para Deus Pai”⁶⁹.

Infelizmente, ainda hoje se contata que, juntamente com os já evidentes ganhos de qualidade dedicados à preparação e à própria celebração da Palavra de Deus na Eucaristia, o ritmo e a qualidade da Liturgia Eucarística padecem de um descuido quase que geral, “seja do ponto de vista celebrativo seja daquele espiritual”⁷⁰. No próximo passo de nosso trabalho, procuraremos oferecer alguns elementos que possam ajudar a compreender e viver, de modo mais inteiro possível, a riqueza ritual, teológica e espiritual presentes na missão e ministério da presidência eucarística, na Oração Eucarística.

Esta pesquisa, em seu ponto de partida, buscou colocar em questão a relação entre espiritualidade litúrgica, presença de Cristo na liturgia, ministério presbiteral, comunidade celebrante e formação para o exercício da presidência eucarística. No segundo passo, refletiu sobre o gesto fundamental que perpassa toda a celebração da Missa ou Ceia do Senhor, e que lhe dá o seu nome mais original: *Eucaristia – Ação de Graças*; particularmente,

⁶⁹ *A missa*: memória de Jesus no coração da vida, p. 76. “Gosto de comparar a oração eucarística com os brindes que fazemos em nossas festas, para homenagear alguma pessoa [...]. Num dado momento, alguém faz um longo discurso, elogiando [...], lembrando coisas boas [...], dificuldades [...], frutos [...]... fala em nome de todos. Os demais acompanham atentamente, intervêm com exclamações (‘É isso mesmo!’, ‘Viva!’, ‘É isso aí!’); levantam o copo no final do discurso [...], fazem ‘tim-tim’ [...] e bebem. Não é isso que fazemos na missa, durante a oração eucarística?”

⁷⁰ Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 19.



discorreu sobre a Oração Eucarística, pois “fazer eucaristia é antes de tudo agradecer”⁷¹.

Agora, para concluir este percurso, já que “celebrar a eucaristia, ou seja, viver em ação de graças, é um desafio, uma vocação e uma missão”⁷², pretendemos oferecer alguns elementos que possam ajudar na configuração de uma atitude ministerial mais autêntica, com mais inteireza, em vista de um serviço mais qualificado da própria presidência eucarística, principalmente nos vários momentos que marcam o desenvolver ritual da Oração Eucarística.

Ademais, posto que a presidência eucarística não consiste apenas em proferir a Oração Eucarística, proporemos algumas orientações no sentido de oferecer ao serviço presbiteral da presidência uma maior compreensão da unidade de toda a celebração, como “um só ato de culto”.

3.1. Presença de Cristo e ação ministerial do presidente da celebração

Retomando novamente um ponto fundamental deste trabalho, devemos considerar o conceito teológico-litúrgico de “presença de Cristo”, tão caro à obra restauradora e reformadora do Concílio Vaticano II. Esse conceito, já de algum modo aprofundado nesta pesquisa, liga-se diretamente ao que vem indicado nas seguintes palavras da *Instrução Geral do Missal Romano*:

O presbítero, que na Igreja tem o poder sagrado da Ordem para oferecer o sacrifício em nome de Cristo, também está à frente do povo fiel reunido, *preside a sua oração*, anuncia-lhe a mensagem da salvação, associa a si o povo no oferecimento do sacrifício a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo, dá aos seus irmãos o pão da vida eterna e participa com eles do mesmo alimento. Portanto, quando celebra a Eucaristia, ele

⁷¹ Buyst, Ione; Francisco, Manuel João. *O mistério celebrado: memória e compromisso II*, p. 37.

⁷² *Ibid.*, p. 38.

deve servir a Deus e ao povo com dignidade e humildade e, pelo seu modo de agir e proferir as palavras divinas, sugerir aos fiéis uma presença viva de Cristo⁷³.

Essas orientações nos ajudam a perceber exatamente a problemática que se pretende abordar aqui: a *atitude ministerial* que, segundo a Igreja, deve favorecer a tão desejada participação na obra da salvação, cujo acontecimento se dá na celebração litúrgica, da qual o presbítero é seu presidente e servidor, nunca se esquecendo que “o celebrante principal da Eucaristia é o próprio Cristo. Ele está presente no ministro ordenado, sacramento do Cristo-cabeça, e na assembleia, seu corpo eclesial”⁷⁴.

É o que atesta a tradição dos Padres da Igreja, como nos indica um importante trecho homilético de S. João Crisóstomo:

Também o que diz respeito à oração eucarística é comum [ao sacerdote e ao povo]. De fato, ele *absolutamente não pronuncia a oração eucarística sozinho* [...], mas também todo o povo [a pronuncia com ele]. Pois, só depois de ter recebido a voz dos que dão seu consentimento a que é conveniente e justo fazer isto, só então ele dá início à oração eucarística... Digo todas essas coisas para que cada um, também entre os que dependem daquele que preside, esteja atento, de modo que compreendamos que somos todos um só corpo e não nos diversificamos uns dos outros senão como membros dos [outros] membros [...]. E por isso *não lancemos tudo sobre os [ombros dos] sacerdotes* [...], mas também nós, enquanto parte do corpo comum, preocupemo-nos por toda a Igreja. Isso provoca realmente [neles] uma segurança maior e em nós uma maior distensão (*Homilia XVIII in 2Cor [PG 61,527]*)⁷⁵.

⁷³ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 93, grifo nosso.

⁷⁴ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Guia Litúrgico-Pastoral*. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 47.

⁷⁵ Apud Giraudo, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 547-548, grifo do autor.



A ordem dada pelo santo “Boca de ouro”, de “preocupar-se por toda a Igreja”, pode muito bem aplicar-se à necessidade atual de uma preparação comum do rito da Missa, compartilhada pela riqueza de dons e ministérios presentes na Igreja local. Assim, a chamada “equipe de liturgia” ou “grupo de guia da celebração” é um serviço necessário para a “comunhão, na qual se ativem todas as linguagens e todos os ministérios [para] a manifestação do Mistério de Cristo e da Igreja”⁷⁶.

Tudo isso em vista da tão desejada participação, anseio marcadamente presente na obra do Concílio Vaticano II e, também, em muitos outros textos e indicações voltados para a redescoberta da liturgia como “fonte de uma espiritualidade genuinamente cristã”⁷⁷. Pode-se tomar como exemplo o que vem indicado na obra de Josef Andreas Jungmann:

Aqui é mais uma vez o próprio sentido da instituição de Jesus, que faz com que a Igreja realize aquele momento ativo do ato sacrificial não somente por meio de seu representante ministerial que está no altar, mas, de alguma forma, também por meio da comunidade que participa. O “nós” na oração sacerdotal e a reunião espacial dos participantes em torno do sacerdote celebrante já apontam nesta direção. [...] [Assim,] seria ideal se o ato sagrado, presidido pelo sacerdote, fosse fruto não somente da união das intenções, mas também da participação atuante da comunidade e de cada um de seus membros⁷⁸.

E, também, nas palavras de Romano Guardini:

A experiência da comunidade eclesial tem como fundamento, para o indivíduo, a ação litúrgica. O fiel – quando participa vitalmente da liturgia – deve tomar consciência que ora e age como membro da Igreja, e que é

⁷⁶ Conferência Episcopal Italiana. *Um missal para nossas assembleias*: a terceira edição do Missal Romano. Brasília: Edições CNBB, 2022, p. 24.

⁷⁷ Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*, n. 14.

⁷⁸ *Missarum Sollemnia*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 207.

a Igreja que age e ora nele; deverá compreender e aspirar tal comunhão com os demais fiéis nessa unidade superior⁷⁹.

3.2. Atitude ministerial do presidente na Oração Eucarística

Antes de tratar de cada elemento constitutivo da Oração Eucarística e de apontar, com base no que a própria Igreja diz e em alguns autores de referência, indicações práticas que possam contribuir para o serviço ministerial da presidência, faz-se necessário ressaltar que a própria Oração Eucarística deve ser considerada “como *uma unidade literária densa de tensão teológica*, que se desenvolve entre o diálogo invitatório e o ‘Amém’ final”⁸⁰. Desse modo, não se trata apenas de executar uma sequência de gestos e palavras, mas de perceber e mergulhar como Igreja no mistério da fé, que se dá em *ação de graças* (secção anamnético-celebrativa) e *súplica* (secção epiclética)⁸¹.

Desse modo, é necessário nunca perder de vista que, como oração de todo o povo sacerdotal, a Oração Eucarística é expressão do chamado do Pai a este mesmo povo, como parceiro, a celebrar a Aliança, firmada na Páscoa de Cristo, seu Filho. O conhecimento e o aprofundamento do significado e da estrutura literário-teológica da própria Oração Eucarística são uma necessidade constante, pois nela se dá a confissão da fidelidade de Deus e da fragilidade humana que a ele dá graças e suplica.

A unidade do todo da Oração Eucarística, no respeito à sua estrutura e seu estilo devem ser sempre observados⁸², assim como a necessidade de fazer da Oração Eucarística “uma proclamação em tom pessoal, [com] o texto tal qual está no missal e de enxertar nele referências à realidade vivida pela comunidade celebrante”⁸³.

⁷⁹ *O espírito da liturgia*. São Paulo: Cultor de livros, 2018, p. 30.

⁸⁰ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: Tratado mistagógico sobre a Eucaristia, p. 548.

⁸¹ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: Tratado mistagógico sobre a Eucaristia, p. 549.

⁸² Cf. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Guia Litúrgico-Pastoral*, p. 35. Mais adiante: “Compete a quem preside, pelo tom de voz, pela atitude orante, pelos gestos, pelo semblante e pela autenticidade, elevar ao Pai o louvor e a oferenda pascal de todo o povo sacerdotal, por Cristo, no Espírito”, p. 36.

⁸³ Buyst, Ione. *A missa*: memória de Jesus no coração da vida, p. 80.



3.2.1. Ação de graças ou prefácio

Com o diálogo inicial – durante o qual não é adequado folhear o missal para “procurar” o texto do prefácio, que já deve estar previamente escolhido e assinalado – inicia-se a “longa oração de ação de graças”. E o sentido dessa ação de graças fica mais evidente em seu primeiro momento, o *prefácio*. Nele se atualiza de modo mais evidente o mandato do Senhor “fazei isto em memória de mim”, “dando graças como ele deu graças [...] tomando consciência do tipo de participação que esse ponto da celebração requer”⁸⁴.

Seja pelo canto, seja pelas palavras recitadas, como também pelos braços abertos, mãos estendidas, olhar elevado, o que preside a assembleia deve estar por inteiro a esse grande agradecimento; pois é na ação de graças que se dá ao Pai, em Cristo e no Espírito, a oblação do sacrifício de louvor, na qual a participação da assembleia deve ser orante. Tal participação depende muito da arte de celebrar daquele que preside⁸⁵, fazendo do prefácio um gesto de alegria, de exultação, de júbilo, preferencialmente cantado ou ao menos proclamado, com alegria transbordante do coração, de prazer, “contagiando toda a assembleia para o louvor e a ação de graças”⁸⁶.

3.2.2. Aclamação do “Santo”

Esta aclamação, como parte integrante e prolongamento da ação de graças expressa no prefácio, manifesta a nossa participação na Liturgia celeste e, de modo muito especial, a união entre aquele que preside e toda a assembleia celebrante⁸⁷. Além de ser preferencialmente cantado, não deveria ser monopolizado por um coro ou um grupo de cantores, mas facilitado a toda a assembleia, com exultação e força, com profunda sintonia entre o presidente e a assembleia.

Nesse sentido, é bom que neste momento o presidente evite conversas, avisos de última hora com outros ministros da celebração

⁸⁴ Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 63.

⁸⁵ Cf. Conferência Episcopal Italiana. *Um missal para nossas assembleias*, p. 34.

⁸⁶ Buyst, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*, p. 86.

⁸⁷ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 65.

ou ainda que folheie o missal para “procurar” a Oração Eucarística, como que “aproveitando” o canto do “Santo”⁸⁸. A aproximação dos concelebrantes junto ao altar, ao redor daquele que preside – sem atrapalhar a realização dos ritos ou a visão e a participação dos outros féis – deve ser feita antes do diálogo inicial da Oração Eucarística e não durante o canto do “Santo”.⁸⁹

3.2.3. *Invocação do Espírito Santo ou epiclesse*

Embora separada em dois momentos ao longo da Oração Eucarística, a invocação do Espírito Santo sobre os dons e sobre os fiéis que vão comungar dos dons “eucaristizados”, constitui uma unidade inseparável em seu sentido teológico-litúrgico de “consagração” e de “comunhão”. Por isso, é muito importante que o presidente da celebração esteja atento a esta unidade e valorize cada momento da invocação do Espírito, principalmente o segundo, o qual não é acompanhado de nenhum gesto ritual específico, como imposição das mãos ou sinal da cruz⁹⁰.

No Brasil, as aclamações da assembleia “Enviai o vosso Espírito Santo” (transformação dos dons) e “O Espírito nos uma num só corpo” (transformação dos comungantes) ajudam a evidenciar esta unidade e, ao mesmo tempo, a perceber as características de cada momento da mesma invocação.

3.2.4. *Narrativa da instituição*

Como “último elemento da ação de graças”⁹¹, a narrativa da instituição insere-se na Oração Eucarística, no movimento orante que se dirige ao Pai. Daí que, da parte de quem preside, esse entendimento deve estar claro, para que não ocorra o isolamento da narrativa da instituição do restante da oração.

⁸⁸ Cf. Buyst, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*, pp. 96-97.

⁸⁹ Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 215.

⁹⁰ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 70. A exceção é a Oração Eucarística I ou Cânon Romano. Nela, durante a “segunda epiclesse”, o presidente primeiramente inclina-se e, em seguida, erguendo-se, traça sobre si o sinal da cruz.

⁹¹ *Ibid.*, p. 77.



A narrativa da instituição, também chamada de consagração, constitui-se como elemento que “atesta” ao Pai, em forma narrativa, o que seu Filho Jesus “fez e mandou fazer” na Última Ceia, e garante como que o fundamento “consecratório” que se dá ao longo de toda a Celebração da Eucaristia, não somente durante a própria narrativa. Por isso, a narrativa da instituição:

Não deveria aparecer como um “corte” do resto da oração eucarística. A mudança no tom de voz, a maneira pausada de dizer o texto (enquanto as outras partes [...] são ditas de forma corrida), as incensações, as genuflexões do padre, o ficar ajoelhado do povo, a elevação (que não está mais prevista pelo missal, mas que muitos padres inadvertidamente continuam fazendo)...; tudo isso acaba chamando uma atenção exagerada sobre este momento da celebração⁹².

Ainda que as rubricas do Missal Romano hoje ordenem que “o relato da instituição deve ser proferido de modo claro e audível, como requer a sua natureza”⁹³, isso não significa uma sua quase dramatização, como se vê em algumas situações, chegando até ao abuso de se partir o pão durante a própria narrativa⁹⁴. E embora muitos gestos rituais (incensação, toque de sinos e campainhas) e posições do corpo (assembleia de joelhos e presidente e concelebrantes de pé) façam parte das atuais normas da *Instrução Geral do Missal Romano*, é de se desejar que as Conferências Episcopais, como lhes é de direito⁹⁵, possam oferecer alternativas

⁹² BUYST, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*, p. 89.

⁹³ “Oração Eucarística I ou Cânon Romano”, n. 89, in: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, *Missal Romano, reformado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S. o Papa Paulo VI e revisado por S. S. O Papa João Paulo II*: tradução portuguesa da terceira edição típica, Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 529.

⁹⁴ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Redemptionis Sacramentum: sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia*. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/-rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionis-sacramentum_po.html>. Acesso em: 10 jan. 2024, n. 55.

⁹⁵ Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 43.

mais adequadas para uma participação mais ativa e plena por todos os fiéis e do próprio presidente durante a narrativa da instituição⁹⁶.

3.2.5. Anamnese e Oferta

A aclamação, que vem em seguida à narrativa da instituição, e que é precedida por uma palavra do presidente – “Mistério da fé” (ou suas variações na atual versão brasileira do Missal) – tem a função de recordar e atualizar a verdade que constitui a própria Eucaristia, memorial do que o Senhor “fez e mandou fazer”. Tais gestos rituais e palavras deveriam ser realizados com a força que se requer de uma aclamação: canto do presidente e de toda a assembleia, estando de pé.

Em estreita relação com o caráter memorial da Eucaristia, está também o gesto de oferecer, de oblação. Seguidamente à aclamação memorial, o presidente profere a oração de entrega do sacrifício de louvor, de Cristo e nele de toda a sua santa Igreja. O modo de proferir essas palavras da parte de quem preside deve associar a si toda a assembleia, pois:

Quando a assembleia participa da anáfora rezando e dizendo essa oração, por meio do sacerdote, toda a assembleia celebra o sacrifício e o oferece. E mais intensa será a oração, mais verdadeiro e alto será o sacrifício, ou seja, o culto, coerentemente com o texto paulino de Rm 12,1. O sacrifício [...] não se limita a um aparte da anáfora, ou seja, à ação de graças, mas se estende também às intercessões⁹⁷.

3.2.6. Intercessões

A Oração Eucarística também é oração de súplica, como parte integrante do louvor, da ação de graças, da consagração, do memorial e da oferta que se dão em toda a Celebração da Eucaristia.

⁹⁶ Cf. Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 78.

⁹⁷ Mazza, Enrico. *La celebrazione eucaristica*. Apud, Ferrari, Matteo. *A Oração Eucarística*, p. 81.



As tradicionais intercessões trazem presente a “comunhão dos santos”, ou seja, toda a realidade mística da Igreja, no anseio por unidade e comunhão, como frutos da salvação. Daí a importância dos nomes que são ditos nos vários “mementos” das intercessões (do Papa, do Bispo, dos fiéis vivos, dos fiéis defuntos, do santo do dia ou do padroeiro), e que requerem uma atenção especial da parte de quem preside.

No caso do Bispo ou do Papa, “as fórmulas estabelecidas são sóbrias e expressivas [...]. [Acrescentando] apenas o nome de batismo da pessoa mencionada [...]. Não se deveriam acrescentar outros títulos [...]”⁹⁸. De modo semelhante, se poderia proceder em relação aos nomes dos fiéis vivos e falecidos, sem os sobrenomes, no seu devido lugar, durante as intercessões da Oração Eucarística e não antes do início da missa, como as conhecidas e longas listas de nomes completos.

3.2.7. *Doxologia final*

Ao final da “longa oração de ação de graças” está a “palavra de louvor que encerra toda a oração eucarística [e] é o ponto alto da liturgia eucarística”⁹⁹, e sua ratificação, o “Amém” aclamado por toda a assembleia dos fiéis.

Enquanto em outros momentos da liturgia eucarística o missal ordena que o presidente mantenha o pão e o cálice “um pouco elevados sobre o altar” (como é o caso da preparação das oferendas¹⁰⁰ ou durante a narrativa da instituição¹⁰¹) ou que os “mostre” ao povo (como após os dois momentos da narrativa da instituição¹⁰²), durante a doxologia, o presidente “ergue a patena

⁹⁸ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretório da Liturgia e da Organização da Igreja no Brasil: 2024 (Ano B – São Marcos)*. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 33.

⁹⁹ Buyst, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*, p. 93.

¹⁰⁰ Cf. “Ordinário da Missa”, n. 23, in: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Missal Romano*, p. 446.

¹⁰¹ “Oração Eucarística I ou Cânon Romano”, n. 89, in: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Missal Romano*, p. 529.

¹⁰² *Ibid.*

com a hóstia e o cálice”¹⁰³. Tal gesto não deveria ser negligenciado, nem pelo presidente que ergue a patena nem, se for o caso, pelo diácono que ergue o cálice.

E como não dizer da força que o canto pode conferir à riqueza teológico-litúrgica da doxologia final, com seu “Amém” ratificador? Daí a necessidade “que seja vibrante, contagiante, de preferência cantado”¹⁰⁴, acompanhado inclusive de outros gestos rituais que, neste momento, talvez fizessem mais sentido, como as incensações e o toque de sinos e campainhas¹⁰⁵.

3.2.8. Aclamações da assembleia

No Brasil temos a riqueza das aclamações, proferidas pela assembleia ao longo da Oração Eucarística. Em nosso contexto, elas contribuem e muito com o caráter dialogal da liturgia eucarística e para a participação de toda a assembleia, pois foram elaboradas para garantir a sintonia dos fiéis com o sentido da própria oração feita pelo presidente.

Seguindo o critério da “obediência às normas litúrgicas e da atenção às formas de linguagem prescritas pela liturgia”¹⁰⁶, as aclamações da assembleia na Oração Eucarística não podem ser omitidas de modo algum, ao arbítrio de quem preside. Também não cabe ao presidente, ao comentarista ou aos cantores dizer ou cantar as aclamações no lugar da assembleia. Faz-se necessária uma boa sintonia entre o presidente da celebração e as diversas equipes envolvidas, especialmente a equipe de canto, para que haja harmonia entre as partes do presidente e a aclamações da assembleia¹⁰⁷.

¹⁰³ *Ibid.*, n. 98, p. 535.

¹⁰⁴ Buyst, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*, p. 97. “É o final do ‘brinde’. É como se todos os participantes que acompanharam atentamente o ‘discurso de homenagem’ de repente dissessem em coro: ‘Ele merece! Ele merece!’”, p. 93.

¹⁰⁵ Cf. *Ibid.*

¹⁰⁶ Bento XVI, Papa. *Sacramentum Caritatis*, n. 40. Apud Conferência Episcopal Italiana. *Um missal para as nossas assembleias*, p. 34.

¹⁰⁷ Cf. Buyst, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*, p. 97.



3.3. “Ganchos” para a ligação entre as “Duas mesas”

Ao final do segundo grande passo dessa pesquisa, falava-se de alguns “ganchos” que podem de algum modo facilitar a ligação entre as “duas mesas”, que “em um só ato de culto” compõem a Celebração da Eucaristia¹⁰⁸. Tais indicações podem ser pertinentes, ao final deste percurso, na riqueza dos vários elementos rituais e na busca de uma nova atitude espiritual da parte de quem preside a Eucaristia, especialmente na arte de proclamar a “longa oração de ação de graças”.

O primeiro elemento facilitador para a unidade de toda a celebração é a *homilia*. Nela o presidente tem a missão de conduzir à realização sacramental de tudo o que foi proclamado na Palavra, “levando em conta tanto o mistério celebrado como as necessidades particulares dos ouvintes”¹⁰⁹. Daí que uma boa homilia deve de alguma forma desembocar no gesto de entrega, associando cada fiel e toda a assembleia à oblação de Cristo, na Eucaristia.

Uma boa escolha do *prefácio* da Oração Eucarística pode também contribuir muito para a ligação entre a Palavra e a Eucaristia. Nele se proclamam as maravilhas de Deus e a obra da salvação realizada por Cristo ontem e hoje, “de acordo com o dia, a festa ou o tempo”¹¹⁰.

Finalmente, o *canto da comunhão*, que além de “[expressar], pela unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, demonstra a alegria do coração e realça mais a índole ‘comunitária’ da procissão para receber a Eucaristia”¹¹¹. Este canto também pode, conforme antiga tradição, “retomar ou evocar o evangelho do dia, de modo que nos leve a nos unir e nos comprometer com o Senhor, do jeito como se apresentou na liturgia da palavra”¹¹².

¹⁰⁸ Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 28.

¹⁰⁹ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 65.

¹¹⁰ *Ibid.*, n. 79a.

¹¹¹ *Ibid.*, n. 86.

¹¹² Buyst, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*, 59.

Em todo caso, a vocação e a missão de quem preside a Celebração da Eucaristia têm uma importância fundamental; delas dependem, em grande parte, o ritmo e qualidade de toda a celebração. Tratando da problemática da espiritualidade litúrgica e da formação presbiteral, da riqueza simbólico-sacramental da própria Oração Eucarística, nos primeiros passos dessa pesquisa, buscou-se, agora, oferecer alguns elementos que quiçá possam contribuir para uma renovada atitude espiritual da parte dos presidentes de nossas Eucaristias.

Certamente haveria muito ainda a se acrescentar a essas observações, porém o que buscamos aqui foi suscitar o debate e algumas possibilidades de crescimento no exercício do ministério da presidência, no desejo de que tal ministério sempre se renove, no anseio de “sugerir aos fiéis uma *presença viva de Cristo*”¹¹³.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, fruto de um percurso pessoal e acadêmico no campo do ministério da presidência eucarística, procuramos apresentar alguns aspectos que, do ponto de vista da espiritualidade, oferecessem uma compreensão mais renovada, a partir do Concílio Vaticano II, para o próprio serviço presbiteral no que diz respeito ao exercício da presidência na Oração Eucarística.

Além de situarmo-nos no campo da espiritualidade litúrgica, buscamos também oferecer algumas indicações práticas que podem colaborar com a participação plena de todos os que estão diretamente envolvidos com a vida litúrgica na Igreja, de modo especial, seus servidores no ministério presbiteral, em sua relação direta com a assembleia celebrante. Esta relação não é um simples detalhe na vida de um presbítero, mas consiste, de fato, na razão de seu ser, como dizia o Concílio, ensinando que o sacerdócio ministerial e o sacerdócio real-batismal ordenam-se um para o outro¹¹⁴.

¹¹³ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 93.

¹¹⁴ Cf. Concílio Vaticano II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, n. 10.



A arte de presidir insere-se em uma compreensão mais ampla, que é a *arte de celebrar*, a capacidade de entrar no dinamismo da própria Liturgia, sem cair no exteriorismo nem no rubricismo; a sintonia com a ação do Espírito em cada celebração litúrgica, sem cair no subjetivismo e no culturalismo; a habilidade de “conhecer as dinâmicas da linguagem simbólica, a sua peculiaridade, a sua eficácia”¹¹⁵.

E quando se trata de presidir à assembleia dos fiéis, a arte de celebrar adquire uma vocação e uma missão próprias. No dizer do Papa Francisco, a presidência pode influenciar a vivência celebrativa de toda uma comunidade de fiéis, para o bem e, infelizmente, para o mal. Para ele o ato de presidir é, ao mesmo tempo, importante e delicado¹¹⁶.

Daí que, situando-nos no âmbito da Oração Eucarística, busquemos oferecer elementos de natureza teológico-espirituais e indicações práticas a fim de alcançar uma configuração mais plena do ministério presbiteral, no exercício da presidência eucarística, àquela presença sacramental e, por isso mesmo, real do Ressuscitado, que continua a “comer a Páscoa conosco”¹¹⁷.

Ainda há muito que se caminhar nesse sentido: de ser sensíveis ao protagonismo indispensável d’Aquele que, em seu gesto de entrega, na Eucaristia, “fez e mandou fazer” à sua Igreja. Desse modo, a melhor forma de configurar um renovado modo de presidir, segundo a genuína espiritualidade cristã, é o de deixar-se formar pela própria liturgia. Nas palavras do Papa Francisco: “o presbítero é continuamente formado na ação celebrativa”¹¹⁸.

Tratando-se especificamente da Oração Eucarística, o ato de presidir requer, além de nunca se esquecer da participação mesmo que silenciosa e orante da assembleia (também por suas marcantes

¹¹⁵ FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio desideravi*, n. 49.

¹¹⁶ Cf. *Ibid.*, n. 54.

¹¹⁷ *Ibid.*, n. 57.

¹¹⁸ Francisco. *Desiderio desideravi*, n. 60.

aclamações), a inteireza da consciência eclesial, de proferir as palavras da oração e executar seus gestos *em nome de todo o povo santo* e de fazer, assim, a oferta de si mesmo ao Pai, do “seu próprio corpo, [da] sua própria vida pelo povo a si confiado. É isto o que acontece no *exercício do seu ministério*”¹¹⁹. E é este o grande dom e vocação depositados nas mãos frágeis de quem preside à “longa oração de ação de graças”.

Muito do que se expôs e se refletiu nesta pesquisa certamente merece maior aprofundamento: a começar pela própria noção de espiritualidade litúrgica e os conceitos envolvidos em torno a essa temática; a riqueza de muitas outras fontes bíblico-patristico-litúrgicas, que evidentemente podem contribuir sobremaneira para uma melhor compreensão da identidade da Oração Eucarística e de sua estrutura ritual legada a nós pela tradição; e, finalmente, as muitas outras indicações que se poderiam fazer quanto à atitude espiritual-ministerial e aos elementos práticos no ato de presidir à Oração Eucarística.

Na confiança de que a obra realizada pelo Concílio Vaticano II é ainda uma estrada aberta e que muito temos que caminhar, esperamos ter contribuído para uma necessária retomada daquele espírito que inspirou e continua a inspirar a renovação da vida litúrgica na Igreja. Tal renovação passa necessariamente pela vocação e pelo ministério da presidência.

BIBLIOGRAFIA

- Barros, Marcelo. “Um povo celebrante”, in: *Celebrar o Deus da vida*, (1992)97-105.
- Bento XVI, Papa. *Os padres da Igreja*: de Clemente de Roma a Santo Agostinho. São Paulo: Pensamento.
- Bianchi, Enzo. *Presbíteros*: Palavra e Liturgia. São Paulo: Paulus, 2011.

¹¹⁹ *Ibid.*, grifo nosso.



- Bíblia: Tradução Oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2022.
- Boselli, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014 (Coleção Vida e Liturgia da Igreja).
- Brighenti, Agenor; PASSOS, João Décio (Orgs.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas e Paulus, 2018.
- Brouard, Maurice (Org.). *Eucharistia: Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2007.
- Bugnini, Annibale. *A Reforma Litúrgica*. São Paulo: Paulus, Paulinas, Loyola, 2018.
- Buyst, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*. São Paulo: Paulinas, 2011 (Coleção Celebrar).
- . *Presidir a celebração do Dia do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2000 (Coleção Rede Celebra).
- . *Liturgia de coração*. São Paulo: Paulus, 2007 (Coleção Celebrar a Fé a Vida).
- . *Mística e Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção Rede Celebra).
- . *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade na liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2011 (Coleção Celebrar).
- Buyst, Ione; SILVA, José Ariovaldo. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas, Valencia: Siquem Ediciones, 2002.
- Buyst, Ione; FRANCISCO, Manuel João. *O mistério celebrado: memória e compromisso II*. São Paulo: Paulinas, Valencia: Siquem Ediciones, 2004.
- Castellano, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: Teologia, Celebração, Experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- Catecismo da Igreja Católica. Brasília: Edições CNBB, 2013.

Centro Nacional de Pastoral Litúrgica. *A arte de celebrar: guia pastoral*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

Concílio Vaticano II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*: sobre a Sagrada Liturgia. Roma, 4 dez. 1963. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 08 jul. 2024.

———. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*: sobre a Igreja. Roma, 21 nov. 1964. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 08 jul. 2024.

———. *Decreto Optatam Totius*: sobre a formação sacerdotal. Cidade do Vaticano, 28 out. 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html>. Acesso em: 08 jul. 2024.

———. *Constituição Dogmática Dei Verbum*: sobre a Revelação Divina. Roma, 18 nov. 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 08 dez. 2024.

———. *Decreto Presbyterorum Ordinis*: sobre o ministério e a vida dos sacerdotes. Cidade do Vaticano, 07 dez. 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html>. Acesso em: 08 jul. 2024.

Conferência Episcopal Italiana. *Um missal para nossas assembleias: a terceira edição do Missal Romano*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Guia Litúrgico-Pastoral*. Brasília: Edições CNBB, 2017.



_____. *Liturgia, fonte e ápice da vida e da ação da Igreja*, Brasília: Edições CNBB, 2019.

_____. *Missal Romano, reformado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II*: tradução portuguesa da terceira edição típica. Brasília: Edições CNBB, 2023.

_____. *Diretório da Liturgia e da Organização da Igreja no Brasil – 2024 (Ano B – São Marcos)*. Brasília: Edições CNBB, 2023.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Redemptionis Sacramentum*: sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia. Cidade do Vaticano, 24 mar. 2004. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionis-sacramentum_po.html>. Acesso em: 10 jan. 2024.

_____. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Brasília: Edições CNBB, 2023.

Donghi, Antonio. *Gestos e palavras*: iniciação à linguagem simbólica. São Paulo: Paulus, 1995.

Ferrari, Matteo. *A oração eucarística*: uma “obra” reaberta pelo Concílio. Brasília:

Edições CNBB, 2022 (Coleção Vida e Liturgia da Igreja).

Fiores, Stefano de; Goffi, Tullio (Org.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993.

Francisco, Papa. *Desiderio desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2022.

Giraud, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.

Guardini, Romano. *O espírito da liturgia*. São Paulo: Cultor de livros, 2018.

João Paulo II, Papa. *Carta Apostólica Vicesimus Quintus Annus*: no 25º aniversário da Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium. Cidade do Vaticano, 4 dez. 1988. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19881204_vicesimus-quintus-annus.html>. Acesso em: 15 mar. 2024.

_____. *Carta apostólica Novo Millennio Ineunte*: no termo do Grande Jubileu do Ano 2000. Cidade do Vaticano, 6 jan. 2001. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html>. Acesso em: 15 mai. 2024.

Jungmann, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia*. São Paulo: Paulus, 2010.

Lemaire, André. *Os ministérios na Igreja*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1977.

Lutz, Gregório. *Celebrar em Espírito e Verdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

Marini, Piero. *Presidir a Eucaristia*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

Martín, Julián Lopes. *No Espírito e na Verdade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Mazza, Enrico. *La mistagogia: le catechesi liturgiche della fine del quarto secolo e il loro metodo*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1996.

Revista de Liturgia. *A presidência na eucaristia*. São Paulo 152 (1992).

Sartore, Domenico; Triacca, Achille M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992.



Secretariado Nacional de Liturgia. *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2003.

———. *Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2014.

Taborda, Francisco. *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011.